

A música que toca: um olhar da teoria histórico-cultural de Vigotski sobre os impactos da música no sujeito

The music that touches: a view of historical-cultural theory of Vigotski about the impacts of music on individuals

Vitória Generoso Rodrigues[†], Luther King de Andrade Santana[‡]

Como citar esse artigo. Rodrigues, VG; Santana, LKA. A música que toca: um olhar da teoria histórico-cultural de Vigotski sobre os impactos da música no sujeito. Revista Mosaico - 2019 Jul/Dez.; 10 (2): 66-72.

Nota de Editora

Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

A arte está presente na sociedade desde as primeiras civilizações. Dentre as diversas formas de expressões artísticas encontra-se a música, sendo uma das manifestações mais antigas e destacando-se por seu caráter subjetivo e abstrato. Ao longo do tempo percebe-se que a relação do homem com a música vem se tornando cada vez mais imprescindível e inevitável, à vista disso, salientamos a importância de compreender a influência da música no desenvolvimento humano e seus impactos na vida do sujeito, concebendo a música como fenômeno psicológico e cultural. Para tal compreensão tomaremos como método a revisão de literatura especializada, trazendo um histórico sobre a relação do homem com a música ao longo do tempo, em seguida, abordaremos a concepção da arte em Vigotski na perspectiva da teoria histórico-cultural, para então, apresentarmos os possíveis impactos que a música causa no sujeito, abrindo caminho para o trabalho em musicoterapia. Partindo deste olhar, consideramos que a música tem a capacidade de modificar o estado físico e psíquico do sujeito, levando-o a superar seus próprios sentimentos e a transformar o seu mundo.

Palavras-chave: Arte, Música, Histórico-Cultural, Musicoterapia.

Abstract

The art has been present in the society since the first civilizations. Among the various forms of artistic expressions lies music, being one of the oldest manifestations and standing out for its subjective and abstract character. Over time it is understood that the relationship between man and music has become increasingly indispensable and inevitable, for this reason, we emphasize the importance of understanding the influence of music on human development and its impacts on the life of the person, comprehending music as a psychological and cultural phenomenon. For such understanding we will take as a method the review of specialized literature, bringing a historic about the relationship of man with music over time, after leading the conception of art in Vigotski from the historical-cultural perspective, and then show the possible impacts that music causes on the someone, opening the way for the work in music therapy. From this perspective, we consider that music has the ability to modify the physical and psychic behavior of a person, leading him to overcome his own feelings and to change his world.

Keywords: art, music, historical-cultural, music therapy.

Introdução

A arte está presente na sociedade há séculos, em todas as culturas e nas diferentes civilizações. Dentre as diversas formas de expressões artísticas encontra-se a música, sendo uma das manifestações mais antigas e destacando-se por seu caráter subjetivo e abstrato.

No decorrer do tempo, com o progresso tecnológico e o desenvolvimento nos meios de comunicação, a produção e a comercialização da música vem atravessando intensamente a vida. Todo esse desenvolvimento faz com que a música se torne cada vez mais fonte de estudos para a Ciência, visto que há uma ligação intrínseca com a vida e com as relações na sociedade. Deste modo, a música deve ser pensada não somente como uma expressão, mas como um fenômeno psicológico, emocional e cultural, que influencia no desenvolvimento humano.

O presente trabalho objetiva apresentar uma

abordagem sobre a relação do homem com a música ao longo do tempo, analisando os impactos que a música causa no sujeito, partindo de um olhar histórico-cultural, percorrendo pelos princípios psicológicos e estéticos da teoria que contribuem para o entendimento da música enquanto arte e produto cultural. Tendo como base esta perspectiva sobre a maneira que a música toca o homem, é possível pensar na eficácia do trabalho musicoterapêutico, considerando o contexto, as vivências e experiências de cada sujeito.

A relação do homem com a música

A música se faz presente na história da humanidade desde as primeiras civilizações, podendo ser considerada uma das mais antigas manifestações de arte. Embora não existam dados históricos suficientes para estabelecer o exato momento do surgimento da música, é possível acompanhar não somente sua evolução, mas também

Afiliação dos autores:

[†]Discente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

[‡]Doutorando em Educação/UFF, Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

* Email de correspondência: f.kalaoum@hotmail.com.

Recebido em: 14/05/18. Aceito em: 01/08/18.

sua relação com o homem no decorrer da história.

Na Antiguidade, a música já era utilizada como forma de comunicação. Era comum que em cumprimentos, elogios e até mesmo em brigas houvesse a introdução de sons e ruídos, pois neste período poucas palavras eram utilizadas pelo homem. Através da música era possível expressar sentimentos, fossem eles agressivos, de contentamento ou infelicidade (PUCHIVAILO; HOLANDA, 2014). Neste período a música também estava presente de maneira ritualística, pois acreditava-se que esta era um dom dos deuses e através dela era possível um contato com essas forças superiores.

Os povos antigos atribuíam as enfermidades aos espíritos malignos. Era comum que os “médicos” feiticeiros também usassem a música e o canto para que houvesse a expulsão dos maus espíritos e conseqüentemente a cura e a purificação. Segundo Costa (1989):

Como o homem primitivo não atribuía a doença a um transtorno do organismo do doente, o meio curativo não se dirigia à pessoa, mas tão-somente ao espírito maligno, sendo o corpo e a alma do doente apenas o terreno passivo do embate (COSTA, 1989, p. 18).

Na Idade Antiga Clássica os gregos acreditavam que a música tinha origem na mitologia e permanecia a ideia de que ela era uma virtude dada pelos deuses aos homens. Além de seu poder curativo, a música era importante para que houvesse harmonia do corpo e da mente (COSTA, 1989).

Os gregos foram os responsáveis por levantar importantes estudos acerca da música, tornando-a parte da cultura intelectual e dos meios educativos. Priolli (2010) afirma que a música era tão importante para a construção moral, quanto era a ginástica no processo de desenvolvimento físico. A relevância da música nessa época pode ser comprovada pelos escritos dos grandes filósofos e matemáticos gregos acerca da mesma.

No período da Idade Média, com a hegemonia do cristianismo e o poder da Igreja Católica, a música passa a ser frequentemente usada com finalidade religiosa. Acreditava-se que a música poderia provocar comportamentos e emoções, a Igreja, por sua vez, tinha como objetivo controlar o seu uso para que manifestações de sentimentos impuros não viessem trazer um afastamento entre o homem e Deus (PORTO, 2007). A música, no entanto, era considerada uma linguagem que colocava o cristão em uma conexão com Deus, devendo ser utilizada para uma maior elevação espiritual.

O Renascimento é marcado por um movimento de libertação. A música sacra passa a ser afetada com a influência da música profana, as letras dos cantos que eram estritamente religiosas surgem com uma nova roupagem, dando espaço para novas criações

e para ritmos com uma maior liberdade (PRIOLLI, 2010). Também neste período a medicina abandona as superstições medievais a respeito das enfermidades e dos métodos curativos.

Com o avanço das ciências na Idade Moderna surgem os primeiros estudos sobre os efeitos fisiológicos da música no corpo e os primeiros experimentos que comprovassem a eficácia da música sobre doenças nervosas e psiquiátricas, trazendo um grande progresso para a área médica (PUCHIVAILO; HOLANDA, 2014). O desenvolvimento científico também propiciou mudanças significativas na maneira em que o homem acessava a música. Segundo Freire (2010), o progresso tecnológico dos meios de comunicação ampliou os horizontes musicais, rompendo os limites dos auditórios burgueses e tornando-se popular. O ouvinte, que outrora precisava deslocar-se a um concerto para usufruir da música, agora obtém uma maior acessibilidade, como por exemplo, através dos reprodutores musicais.

A música está presente no cotidiano e marca o ciclo da vida antes mesmo do nascimento. É comum ver gestantes submetendo seus bebês a estímulos sonoros e afirmarem que eles correspondem a esses estímulos. Rolando Benenzon (1988), embasa-se no Princípio de ISO de Altshuler para desenvolver o conceito de Identidade Sonora em sua teoria sobre musicoterapia (BENZON, 1988). O conceito de Identidade Sonora nos traz a ideia de que somos caracterizados por sons internos, sons particulares, que fazem parte de cada indivíduo. Esse som é formado ainda no ventre da mãe e vai sendo integrado e modulado conforme as relações culturais.

A música também se encontra presente na educação de alunos nas instituições escolares, contribuindo significativamente na formação dos sujeitos. Conforme afirmam Caetano e Gomes (2012), a música pode possibilitar um desenvolvimento de aprendizagem agradável e prazeroso, sendo também uma facilitadora no desenvolvimento das habilidades cognitivas. Os autores ainda acrescentam que a música serve de estímulo para criatividade, sensibilidade e socialização dos alunos.

No processo de relação com a cultura somos atravessados pela música através da internet, do rádio, do celular, ou da televisão, quer seja para festejar, relaxar, ou até mesmo provocar melancolia. A música está presente nos cinemas, nas salas de espera, nos shoppings e supermercados, criando climas ou vendendo produtos, e em alguns momentos acaba tornando-se até mesmo invasiva. A indústria musical tem crescido, e tratando-se do Brasil onde encontramos uma grande diversidade cultural de gêneros e de estilos musicais, o desejo da indústria é alcançar e satisfazer o público, comercializando cada vez mais a música.

Como elucidado, as alterações acerca da relação do homem com a música no decorrer do tempo fizeram

com que a mesma se tornasse inevitável e imprescindível. No entanto, o que há na arte que a faz capaz de acessar e desenvolver o psiquismo humano? Por que a música que toca, nos toca? Será que hoje haveria possibilidade de imaginar um mundo sem ser atravessado pela música? O filósofo Friedrich Nietzsche já afirmava em um de seus escritos que: “Sem música a vida seria um erro” (NIETZSCHE, 2017, p. 33).

Partindo das contribuições de Vigotski (1999), abordaremos nos tópicos a seguir a relação que a arte estabelece com os processos psicológicos superiores, tais como, percepção, criação, imaginação e emoção, evidenciando as respostas estéticas e as transformações suscitadas no sujeito afetado pela mesma.

A arte através do olhar histórico-cultural

Em seus estudos, Vigotski se debruçou sobre a compreensão dos processos psicológicos superiores e inferiores, que seriam as funções mais complexas do ser humano. Diferentemente das funções orgânicas e elementares que estão presentes desde o nascimento do indivíduo como, por exemplo, as ações reflexas ou involuntárias, as funções psicológicas superiores abrangem o controle consciente do comportamento e são estruturadas com base na relação do homem com o mundo, com o outro e com as coisas. Em suma, é através da internalização das relações sociais e das apropriações culturais que o ser humano se constitui. Conforme nos afirma Zanella (1999):

Todo indivíduo enquanto ser social insere-se, desde o momento em que nasce, em um contexto cultural, apropriando-se dele e modificando-o ativamente, ao mesmo tempo em que é por ele modificado. O que aqui denominamos "apropriação" aproxima-se do conceito de "internalização", utilizado por VIGOTSKI para indicar o movimento de "reconstrução interna de uma operação externa", movimento pelo qual as funções psicológicas superiores, originariamente partilhadas, singularizam-se pelo sujeito, medida em que este passa a utilizar os signos como elementos reguladores de suas ações (ZANELLA, 1999, p. 153).

Segundo Vigotski (1999), entende-se que a percepção, a criação, a imaginação e a emoção são funções psicológicas superiores que, de maneira dialética, se relacionam com a noção de arte, portanto, para que haja compreensão da arte em sua totalidade é necessário tratá-la também como resultante de um fenômeno psicológico, que se dá a partir da atividade humana na cultura, atividade essa que elabora e objetiva as funções, deixando de ser unicamente biológicas (BARROCO; SUPERTI, 2014).

Vigotski (2009) divide a atividade humana em dois tipos: atividade reprodutora e atividade criadora. Segundo Gonçalves (2017), o primeiro tipo de atividade

apenas reproduz ou repete algo já existente, sem a possibilidade de se criar o novo. Essa atividade estaria muito mais relacionada à memória. Já no segundo tipo de atividade, chamada também de combinatória, há uma reelaboração como consequência da necessidade de adaptação ou de superação de desafios provenientes de uma instabilidade do meio em que se vive. Essa instabilidade possibilita a criação do novo, sejam elas externas ou internas, de imagens ou ações, a partir das combinações de elementos já existentes e conhecidos com os elementos que surgirão. Portanto, a atividade criadora faz parte da essência humana e é de suma importância para que o homem possa construir e modificar seu presente, tendo assim, condições de sobreviver aos conflitos que emergem.

A perspectiva histórico-cultural de Vigotski relaciona a atividade criadora à imaginação ou fantasia, por sua capacidade de combinação no cérebro. É importante compreender aqui que imaginação ou fantasia não são definidas como sendo algo irreal ou ilusório, ausente de um significado sério, tal como sabemos pelo senso comum. De acordo com Vigotski (2009), a imaginação corresponde à realidade, em suas palavras: “A imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica” (VIGOTSKI, 2009, p. 15).

Mediante a essa perspectiva, Barroco e Superti (2014) concordam que a produção artística está completamente relacionada com a vida e que os conteúdos da arte são capturados e trabalhados a partir da realidade, em suas palavras: “A obra de arte não se constitui em cópia da realidade objetiva, mas em algo novo, fruto de ação criativa que se transforma em produto cultural” (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23).

Compreende-se, contudo, que a atividade criadora só é possível servindo-se da imaginação, que sendo uma função psicológica superior, não se distancia da realidade, pelo contrário, é justamente a partir das vivências no mundo e através da percepção que temos dos objetos reais que a imaginação e a criação se tornam possíveis. Sendo assim, a atividade criadora não está restrita a um grupo ou uma classe específica, mas faz parte da constituição de todos os seres humanos que estão inseridos na cultura.

A criação não é um artifício de grandes gênios renomados que criaram grandes obras, e sim de todos aqueles que imaginam, combinam e criam. Ao considerar a existência de uma imaginação coletiva, Vigotski (2009) ainda elucida que essas criações individuais, anônimas, desconhecidas e consideradas pequenas, servem como base para grande parte do que foi criado pela humanidade.

Partindo do entendimento de que não há uma oposição, e sim uma relação entre imaginação e

realidade, Vigotski (2009) divide essa relação de quatro formas. A primeira, como já discutido, apoia-se na ideia de que a imaginação provém de elementos extraídos da realidade e de experiências anteriormente vividas, portanto o imaginário não surge do nada, e sim faz parte da realidade humana. A segunda vinculação consiste na ideia de que as experiências não precisam ser necessariamente vivenciadas no concreto. Graças à capacidade imaginativa do ser humano, as vivências alheias podem ser internalizadas possibilitando assim o enriquecimento das experiências individuais. A terceira vinculação diz respeito a um caráter emocional, no qual a emoção é capaz de ter suas representações em imagens, impressões ou ideias, de acordo com o estado de ânimo que nos encontramos naquele momento. Nesse caso, os sentimentos influenciam na imaginação, como afirma Vigotski (2009):

“As imagens e as fantasias propiciam uma linguagem interior para o nosso sentimento. O sentimento seleciona elementos isolados da realidade, combinando-os numa relação que se determina internamente pelo nosso ânimo, não externamente, conforme a lógica das imagens” (VIGOTSKI, 2009, p. 26).

Ainda nessa terceira vinculação, imaginação e emoção estabelecem uma relação inversa, onde a imaginação influencia nos sentimentos. Nesse caso, qualquer construção fantasista provoca algum tipo de sentimento, conforme afirma Cruz (2015): “O produto da imaginação pode não coincidir com a realidade, mas é capaz de despertar emoções e sentimentos reais” (CRUZ, 2015, p. 366).

A quarta e última relação entre imaginação e realidade sustenta-se na ideia de que o produto da construção da fantasia pode ser algo inteiramente novo e que não corresponde a nenhum objeto existente no mundo real, contudo, quando externada e objetivada, essa imaginação se torna real e é capaz de modificar a realidade. Maheirie (2003) acentua que: “É o produto da criação propriamente dito que, para existir, teve que ser mediado pela fantasia e pelas emoções” (MAHEIRIE, 2003, p. 151).

Vigotski (2004), em suas considerações sobre a emoção como uma função psicológica superior, compreende que seu desenvolvimento não se dá apenas por fatores biológicos e orgânicos, mas também históricos e culturais. Com base nestes pressupostos, Leite, Silva e Tuleski (2013) confirmam que as reações fisiológicas, resultantes de comportamentos instintivos provocados pelos estímulos externos, passam por um processo de alteração, levando o homem a adquirir características diferenciadas de acordo com a sua relação com a cultura.

Portanto, embora o homem apresente reações emocionais de maneira orgânica e instintiva ao estabelecer uma relação com a cultura, compreendemos a existência de uma apreensão do modo cultural e social

de sentir. Pode-se afirmar então, que em um processo de construção social, as emoções orgânicas são transformadas em emoções mais elaboradas, como por exemplo, as emoções suscitadas pela arte, que ganham um olhar diferenciado das outras emoções, abordado por Vigotski (1999), em seu livro intitulado “Psicologia da Arte”.

Para Vigotski (1999), as emoções estéticas (suscitadas pela arte) não podem ser confundidas com as emoções comuns. O autor argumenta que o traço que diferencia a emoção estética é a retenção de sua manifestação exterior, mesmo mantendo uma força excepcional. Vigotski destaca ainda que: “A arte, uma emoção central, é uma emoção que se resolve predominantemente no córtex cerebral” (VIGOTSKY, 1999, p. 267). As emoções ligadas à arte são consideradas pelo autor emoções inteligentes, que não se manifestam de maneira rígida, sendo sua resolução, sobretudo, em imagens da fantasia.

Desse modo, as emoções estéticas são postas como emoções que não provocam reações motoras instantâneas, mas que se manifestam a partir da relação com as outras funções superiores, especialmente, a imaginação. Essas emoções, segundo Vigotski (1999), são complexas e contraditórias pela oposição existente entre forma e material da arte. Sobre forma e material, Vigotski (1999) salienta:

Devemos entender por material tudo o que o poeta usou como já pronto – relações do dia-a-dia, histórias, casos, o ambiente, os caracteres, tudo o que existia antes da narração e pode existir fora e independentemente dela, caso alguém narre usando suas próprias palavras para reproduzi-lo de modo inteligível e coerente. Devemos denominar forma da obra a disposição desse material segundo as leis da construção artística no sentido exato do termo (VIGOTSKY, 1999, p. 177).

Compreende-se, portanto, a importância que a forma exerce sobre o material, a fim de elaborar e superar suas qualidades rudimentares. Em outras palavras, a forma rompe com aquilo que é óbvio na arte e a ressignifica. A essa superação Vigotski (1999) dá o nome de reação estética, que é basicamente a superação da contradição da própria obra. O autor aproxima essa reação estética à ideia de catarse, traduzida em uma transformação dos sentimentos:

Supomos que nenhum outro termo, dentre os empregados até agora na psicologia, traduz com tanta plenitude e clareza o fato, central para a reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz, no fundo, a essa catarse, ou seja, à complexa transformação dos sentimentos (VIGOTSKI, 1999, p. 270).

O efeito da obra de arte se traduz em catarse, sendo capaz de modificar os sentimentos. Portanto, conforme afirmam Barroco e Superti (2014), a Psicologia da Arte

visa analisar não só a estrutura da obra, mas também as funções psicológicas superiores que se transformam quando afetadas por ela, certificando dessa maneira as reações estéticas no psiquismo. Nesse processo a criação, no sentido já apresentado anteriormente, se faz muito importante, pois não basta vivenciar o sentimento do autor da arte ou compreender a obra de arte em si. Vigotski (1999) acrescenta que: “É necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude”(VIGOTSKI, 1999, p. 314).

Sendo assim, é possível chegar à conclusão de que é no processo de criação que os elementos da arte são percebidos e combinados pela imaginação, suscitando emoções, que serão superadas, transformadas e organizadas pela catarse. Portanto, a arte tem a capacidade de alterar o psiquismo e o estado físico do sujeito, que sendo afetado pela mesma, salta para a emoção estética, alcançando a transformação de si e a criação de novos significados para o mundo. A arte ainda proporciona uma ampliação dos sentimentos, tornando-os sociais. Nas palavras de Vigotski (1999): “A arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser” (VIGOTSKI, 1999, p. 315). Contudo, por intermédio da arte, o ser humano tem a oportunidade de superar a “vida comum”, sendo capaz de objetivar os sentimentos, externando-os e materializando-os, viabilizando a socialização destes e abrindo caminho para um possível trabalho terapêutico.

Teoria histórico-cultural e a musicoterapia

Partindo da conceituação de Vigotski a respeito da arte e pensando na possibilidade de um trabalho terapêutico é possível realizarmos uma grande aproximação entre a teoria histórico-cultural e a musicoterapia. Embora na Psicologia seja encontrada uma ampla apresentação relacionando a musicoterapia com outras linhas teóricas, como por exemplo, a psicanalítica, comportamental e humanista, a teoria histórico-cultural nos possibilita um rico embasamento teórico para evidenciarmos como a música pode influenciar na vida e como a mesma pode vir a ser utilizada como um instrumento terapêutico eficaz, por seu caráter psicológico e cultural (WAZLAWICK, 2004).

Em primeiro lugar, é necessário que haja uma possível definição do que é a musicoterapia. De acordo com Bruscia (2016), a musicoterapia pode ser considerada uma modalidade terapêutica na qual a música é utilizada pelo terapeuta como instrumento

que auxilia o paciente na promoção de saúde. O autor acrescenta ainda que ocorre um restabelecimento das funções do indivíduo através das experiências musicais que, superam assim, suas necessidades físicas, mentais, emocionais e sociais. Essa influência significativa da música no desenvolvimento humano possibilita que a mesma seja estudada tanto no campo da arte quanto no campo da Psicologia.

Sobre os estudos acerca da musicoterapia, Ruud (1990) enfatiza e problematiza a escassez ainda existente de teorias que considerem o contexto social, histórico e cultural no processo musicoterapêutico. Nas palavras da autora: “O conceito de música como terapia tem recebido, na atualidade, grande credibilidade científica, mas perdeu seu papel historicamente importante” (RUUD, 1990, p. 16).

A presença da música no cotidiano é de fato indiscutível. Porém, a maneira como o homem se relaciona com ela vem sofrendo grandes transformações na cultura desde os povos antigos até a modernidade. Atualmente a música é ouvida, tocada, ensinada e até mesmo comercializada. No entanto, é importante pensarmos nas suas particularidades e em como elas possibilitam a relação do homem com mundo. Como visto em Barroco e Superti (2014), a produção artística está completamente relacionada com a vida, portanto, uma vez que concebemos a música como manifestação artística, concebemos de igual forma sua dimensão vital.

As experiências musicais que ocorrem no setting musicoterapêutico, conforme afirmam Cunha, Arruda e Silva (2010), são experiências que se manifestam de acordo com as vivências e o contexto histórico-cultural de cada paciente. Sendo assim, não se pode estabelecer um padrão de experiência. A concepção enfática de que a música não se relaciona com o contexto pode comprometer mais do que favorecer a compreensão do fenômeno musical. Voltamos assim a considerar a música como atividade criadora, parte de uma cultura da qual não se pode se desvincular. Portanto, para que haja um trabalho terapêutico eficaz é necessário considerar os significados e sentidos que o paciente atribui à música dentro do seu contexto histórico-cultural.

Conforme destaca Wazlawick (2004): “A música tem significado para cada pessoa na medida em que se vincula a experiência vivida, passada ou presente, e quando proporciona trazer este vivido junto dos sentimentos e emoções à própria música, conferindo significado a ela” (WAZLAWICK, 2004, p. 67). É de maneira emocionada que o sujeito constrói os significados da música, externando sua subjetividade e conferindo seu próprio sentido.

Contrapondo colocações apresentadas, é inadequado pensar na existência de um universalismo no significado musical, ou seja, não se pode esperar que todos os pacientes submetidos à musicoterapia

reajam da mesma maneira, pois as emoções e reações suscitadas pela música variam de pessoa para pessoa. Nessa perspectiva, Maheirie (2003) acrescenta que: “O que nos emociona não emocionará necessariamente os outros” (MAHEIRIE, 2003, p. 150).

Concebendo a música como atividade criadora, descartamos de antemão qualquer pensamento de que a reação estética provocada pela música se restringe apenas àqueles que têm algum tipo de talento ou aptidão, uma vez que a música é uma produção humana. Para tal compreensão, Pendriva (2009) afirma que: “A musicalidade e a expressão musical são possibilidades abertas a todos que quiserem se manifestar” (PENDRIVA, 2009, p. 70). Portanto, a musicoterapia é possível a qualquer pessoa.

A respeito do trabalho musicoterapêutico é indispensável destacar que música se dispõe de peculiaridades que a diferencia de outras manifestações artísticas, principalmente, no que diz respeito ao seu efeito. Vygotsky (1999) destaca a sutileza e a complexidade da música, salientando que a sua atuação se dá de maneira excitante, porém, não definida. Podemos dizer que a música excita, mas não conclui em si, pois seu efeito apenas prepara e motiva o sujeito para uma ação futura. Nas palavras do autor: “a música abre caminho e dá livre acesso a forças que profundamente subjazem em nós” (VYGOTSKY, 1999, p. 320).

O poder catártico da música está justamente neste caminho, onde através da criação, dos conteúdos imaginados e da emoção estética suscitada, o sujeito é preparado para a transformação dos sentimentos. O conceito de catarse, compreendido dessa forma nos certifica a eficácia da musicoterapia, que em uma perspectiva histórico-cultural tem a capacidade de modificar o estado físico e psíquico do sujeito, levando-o a superar seus próprios sentimentos e a transformar o seu mundo.

A música equilibra, a música renova, e permite o desabafo, pois o sujeito quando mergulhado na música, e ao ser tocado por ela, lhe confere tal possibilidade a partir da sua atividade criadora.

Considerações finais

Levando em consideração a onipresença da música na sociedade e a relação que o homem vem estabelecendo com a mesma desde as primeiras civilizações, é impossível negar sua significativa influência na construção do ser humano em todos os aspectos.

Partindo da perspectiva histórico-cultural, certificou-se que a música enquanto produção artística faz parte da atividade humana, sendo assim, está muito além do que uma simples fonte de distração ou entretenimento. Enquanto arte, a música desenvolve as

funções psicológicas superiores, pois ao sermos tocados por ela percebemos, imaginamos e nos emocionamos, superamos a vida comum e objetivamos os sentimentos a fim de transformá-los.

Por sua capacidade de alcançar os sentimentos mais ocultos e inacessíveis do sujeito, a música torna-se um instrumento terapêutico bastante eficaz. O impacto causado pela música leva o paciente a criar e a despertar as emoções, podendo o musicoterapeuta, enquanto mediador, trabalhar com o paciente os sentimentos suscitados. A musicoterapia, portanto, torna-se possível quando a música é concebida como parte integrante de uma cultura e o paciente considerado a partir de suas vivências em seu contexto histórico-cultural.

Portodosesses aspectos apresentados, salientamos a importância de se pensar a música como um fenômeno psicológico e cultural, visto que, a maneira como a música que toca, nos toca, está relacionada à forma como nós mesmos combinamos os sons que percebemos e os significados e sentidos que damos a eles, a partir de todo o contexto histórico-cultural que nos cerca.

Notas

“O princípio de ISO é um conceito dinâmico que resume a noção de existência de um som, ou um conjunto de sons, ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano.” (BENZON, 1988, p. 34)

A grafia de Lev Semionovich Vigotski será mantida com “i” no corpo do texto de acordo com as recentes traduções diretamente do russo para o português. Quando houver necessidade de citação, respeitaremos a grafia adotada pelo autor citado.

Referências

- BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia e Sociedade*, Maringá, p.22-31, 2014.
- BENZON, R. Teoria da musicoterapia: Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. São Paulo: Summus, 1988.
- BRUSCIA, K. Definindo Musicoterapia. 3°. ed. Rio de Janeiro: Barcelona Publishers, 2016.
- CAETANO, M.C.; GOMES, R. K. A Importância da Música na Formação do Ser Humano em Período Escolar. *Educação em Revista*, Marília, v. 13, n. 2, p. 71-80. 2012.
- COSTA, C. M. O despertar para o outro: Musicoterapia. São Paulo: Summus, 1989. 1988.
- CRUZ, M. N. da. Imaginário, imaginação e relações sociais: reflexões sobre a imaginação como sistema psicológico. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 35, p. 361-374, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622015000400361&lng=en&nrm=iso>
- CUNHA, R.; ARRUDA, M.; SILVA, S. M. D. Homem, música e musicoterapia. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, Curitiba, v. 1, p.9-26, 2010.
- FREIRE, V. B. Música e sociedade: Uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino Superior de música. 2. ed. rev. e aum. Florianópolis: Associação Brasileira de Educação Musical, 2010.
- GONÇALVES, A. C. A. B. Educação musical na perspectiva histórico-cultural de Vigotski: a unidade educação-música. 2017. 277 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LEITE, H. A.; SILVA, R. da.; TULESKI, S. C. A emoção como função superior. *Interfaces da Educação, Paranaíba*, v. 3, n. 7, p.37-48, 2013.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vigotski. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 8, n. 2, p.147-153, 2003.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Idolos ou como se filosofa com o martelo*. 1ª. Ed SP: Companhia de bolso, 2017.

PENDRIVA, P. L. M. A atividade musical e a consciência da particularidade. 2009. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PORTO, R. F. *A música na formação do musicoterapeuta*. FMU, 2007.

PRIOLLI, M. L. de. M. *Princípios básicos da música para a juventude*. 31. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de música Ltda, 2010. v. 2.

PUCHIVAILO, M. C.; HOLANDA, E. A história da musicoterapia na psiquiatria e na saúde mental: Dos usos terapêuticos da música à musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia, São Paulo*, n. 16, p.122-142, 2014.

RUUD, E. *Caminhos da musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância: Ensaio psicológico: livro para professores*. 1º. ed. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, L.S. *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Madri: Ediciones Akal, 2004.

WAZLAWICK, P. Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de musicoterapia. 2004. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

ZANELLA, A. V. Aprendendo a tecer a renda que o tece: apropriação da atividade e constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural. *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis*, p.145-158, 1999.